



Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**OS PASSADOS SENSÍVEIS, NEGACIONISMO E O RACISMO
RECREATIVO NOS DISCURSOS HISTÓRICOS SOBRE A
ÁFRICA
OS EFEITOS DAS PLATAFORMAS DIGITAIS NO DEBATE PÚBLICO**

RAFAELLA KAREM SILVA RIBEIRO

BRASÍLIA-DF, DEZEMBRO DE 2025

RAFAELLA KAREM SILVA RIBEIRO

**OS PASSADOS SENSÍVEIS E O NEGACIONISMO NOS DISCURSOS
HISTÓRICOS SOBRE A ÁFRICA
OS EFEITOS DAS PLATAFORMAS DIGITAIS NO DEBATE PÚBLICO**

**Artigo apresentado ao curso de História da
Universidade de Brasília, como requisito
parcial para obtenção do grau de licenciada
em História sob orientação do Prof. Dr.
Anderson Ribeiro Oliva**

**Brasília
Dezembro, 2025**

Agradecimentos

Agradeço, antes de tudo, a Deus – fonte silenciosa de força e luz, que soprou a coragem em meus passos quando o caminho parecia estreito.

Aos meus pais, Leda e Antônio, porto seguro e princípio de tudo o que sou, que me ensinaram que estudar é também um gesto de esperança, e que sonhar só vale a pena quando encontramos mãos que nos sustentam no caminho.

À Eduarda, que fez do seu sonho o meu também, foi você quem abriu caminhos quando tudo parecia distante demais, quem me ajudou a entrar nesta universidade, quem me mostrou que eu podia mais do que imaginava. Se hoje chego até aqui, é porque caminhei amparada pelo seu amor, pelos seus conselhos que soavam como farol em noites turbulentas, e pela sua presença que sempre foi abrigo, você acreditou em mim antes de qualquer resultado, celebrou pequenas vitórias e transformou quedas em aprendizado, este trabalho também pertence a você, que nunca soltou a minha mão. Obrigada por ser irmã, amiga e luz no meu trajeto.

Ao Antonio, irmão que a vida me deu, meu sincero agradecimento. Com sua presença sempre leve e generosa, fez parte da rede de apoio que me trouxe até aqui. Obrigada por todas as conversas, pelas risadas necessárias nos dias mais pesados e pelo cuidado sincero que sempre demonstrou por mim e pela nossa família. Sua parceria, amizade e carinho tornaram o caminho mais suave, e sou profundamente grata por ter você como parte da minha vida.

À minha família – Mainha, Gabriella e Anna Luiza – o meu obrigada por cada palavra de incentivo, cada abraço que me reconstruiu e cada silêncio compreensivo que me permitiu respirar. Crescer em um lar formado por mulheres é aprender, todos os dias, que a resistência mora nos pequenos gestos, nas palavras que confortam e na maneira firme com que vocês me ensinaram a permanecer de pé. Vocês foram minhas primeiras referências de coragem, de dignidade e de generosidade, com vocês descobri que afeto é herança, que união é ferramenta e que sonhos florescem ainda mais fortes quando regados pelas mãos de mulheres que se apoiam.

Ao meu namorado, companheiro no amor, na formação acadêmica e na vida. Obrigada por caminhar comigo com tanta delicadeza, mesmo nos dias em que o cansaço parecia maior do que eu. Você foi meu descanso quando tudo apertava, meu incentivo quando a insegurança falava alto e minha alegria nos intervalos entre uma leitura e outra. Ter você ao meu lado fez esta caminhada mais possível.

Aos amigos e colegas que caminharam comigo desde cedo até aqui, meu carinho mais profundo. Entre risos, aulas, matrículas e trancamentos, grupos de estudo e bares pós provas,

encontrei a força coletiva que torna qualquer jornada mais leve. Em especial, agradeço a Ana Leticia, Cecília, Davi, Nicolle, Malcolm e Maria Vitória, vocês tornaram o impossível apenas difícil, e o difícil suportável.

Ao meu orientador, Anderson Ribeiro Oliva, deixo minha gratidão pela confiança e pelos saberes compartilhados. Obrigada por me guiar com paciência e generosidade através de questionamentos que abriram novas possibilidades, leituras cuidadosas e incentivo constante para que eu avançasse com rigor, sensibilidade e autonomia. Você foi ponte nos caminhos que eu ainda não conseguia atravessar sozinha, e cada sugestão sua me ajudou não apenas a aprimorar este estudo, mas também a crescer como estudante e como pessoa, sua dedicação ao ensino e à pesquisa foi inspiração e modelo.

À Universidade de Brasília, que ao longo desses anos se tornou minha segunda casa, deixou minha profunda gratidão. Aqui aprendi que o saber é um ato de resistência, que o conhecimento transforma não apenas indivíduos, mas sociedades inteiras. Sou fruto dessa crença coletiva na educação como bem comum, e carrego esse compromisso comigo. Sigamos na luta por uma educação pública e de qualidade para todos. Ao departamento de História desta instituição e a todos os seus docentes e funcionários, minha admiração. Vocês moldam, todos os dias, a matéria viva que é a educação.

Que este trabalho seja também um agradecimento em forma de existência – a prova de que ninguém caminha sozinho e de que, quando muitos corações se somam, um futuro inteiro pode florescer.

**“Meu continente é o berço do mundo,
mas o mundo esqueceu disso, morô
Saravá vovó, saravá vovô, saravá
Saravá mamãe, saravá papai, ô
De pele ou digital, tanto faz é tambô.”**

Emicida

Resumo

A presente pesquisa discutiu, inicialmente, as contribuições e análises das epistemologias africanas, afrodiáspóricas e pós-coloniais acerca dos efeitos do racismo, colonialismo, sexismo e dos negacionismos nos discursos históricos sobre a África. Associado a este primeiro tópico, o artigo objetivou refletir sobre como os discursos de ódio e o eurocentrismo, propagados através das plataformas digitais (redes sociais), em especial o *Instagram*, impactam a construção das identidades coletivas e das representações sociais. Por fim, busca-se compreender como os passados sensíveis ressurgem a partir das experiências do presente que estão associadas a eventos traumáticos e violentos como a escravidão, as experiências coloniais e os genocídios/epistemicídios.

Palavras-chave: racismo; negacionismo; História da África; Instagram; redes sociais; *memes*; representações.

Sumário

Introdução	8
Negacionismo histórico, histórias da África e da afrodiáspora	9
Breve histórico do apagamento e revisionismo histórico sobre a África	10
Racismo epistêmico e sustentação do negacionismo	14
As redes sociais e o consumo cultural no Brasil contemporâneo	15
O crescente uso das plataformas digitais: o Instagram	17
A iminência do <i>Threads</i>	19
Conceitos e ferramentas de análises	20
Os <i>Memes</i>: análise da circulação de representações e discursos no Instagram	21
Considerações finais	35
Fontes e Referências Bibliográficas	36

Introdução

A ampliação do acesso às tecnologias digitais e a centralidade das redes sociais na vida cotidiana transformaram profundamente as formas de produção, circulação e disputa de discursos históricos na sociedade brasileira. Nesse ambiente, fenômenos como o negacionismo, o racismo epistêmico e o colonialismo (histórico e digital) encontram novas dinâmicas de manifestação, expandindo-se com velocidade e alcançando públicos diversos por meio de conteúdos aparentemente simples, como memes, comentários e postagens, a princípio com o objetivo de entretenimento. Esses materiais, embora marcados pela estética do humor, operam como dispositivos de produção de sentidos que articulam representações, estereótipos e narrativas racializadas, influenciando a construção de imaginários sociais e a formação da consciência histórica de milhares de pessoas.

No caso específico da história da África e da afrodiáspora, é possível observar a permanência de um longo processo de apagamento, distorção e subalternização das populações negras no interior das narrativas ocidentais. Práticas revisionistas e discursos negacionistas atualizam, no espaço digital, hierarquias coloniais que negam a centralidade do continente africano na formação histórica da humanidade e minimizam a violência da escravidão moderna e dos regimes coloniais. Como apontam autores como Achille Mbembe (2018), Frantz Fanon (2005) e Sueli Carneiro (2005), tais processos não pertencem ao passado, mas se reconfiguram continuamente nas estruturas sociais, políticas e epistêmicas contemporâneas.

Diante desse cenário, este artigo busca analisar como representações imagéticas - especialmente os *memes*¹ amplamente compartilhados no Instagram - participam da reprodução de discursos racistas, colonialistas e negacionistas. A investigação parte da análise crítica do discurso e dos regimes de representação, articulando referenciais dos estudos pós-coloniais, das epistemologias africanas e afrodiaspóricas e das teorias da cultura digital. Ao examinar as camadas simbólicas presentes nos memes selecionados, procura-se compreender como esses artefatos contribuem para reforçar desigualdades históricas, operar violências simbólicas e moldar percepções sobre a África, os africanos e as populações afrodescendentes no Brasil.

¹ Segundo o historiador Bruno Pessi, “os memes são informações que se espalham rapidamente pela Internet na forma de vídeo, imagem, *hashtag*, palavra ou frase, utilizando como meio de propagação as redes sociais e *blogs*, principalmente. Os memes podem se tornar populares rapidamente ao redor do mundo e desaparecer por completo em poucos dias. Os memes estão associados ao fenômeno de viralização de uma informação, que atinge grande popularidade. Associando imagens ou vídeos que chamam a atenção a frases ou palavras, os memes transmitem informação aos usuários da Internet, mas a viralização muitas vezes acaba por banalizar essa informação, tomadas como algo com início meio e fim em si” (Pessi, 2015: p. 939).

Assim, a pesquisa busca demonstrar que, no ambiente digital, a luta pela memória e pela representação contínua sendo uma dimensão central das disputas políticas contemporâneas. Analisar esses discursos se torna fundamental para compreender os efeitos dos negacionismos, a persistência das heranças coloniais e a urgência de práticas antirracistas na produção e circulação do conhecimento histórico.

Negacionismo histórico, histórias da África e da afrodiáspora

O negacionismo histórico, fenômeno ideológico e político de dimensão mundial, tem produzido ao longo das últimas décadas uma série de narrativas que objetivavam negar eventos históricos, falsificar fontes e interpretações e produzir uma série de revisionismos sobre temas variados. Entre seus alvos preferenciais se encontram o holocausto de judeus na Segunda Guerra Mundial, as violências e responsabilidades coloniais, a existência de regimes de opressão/repressão política, os números, os impactos e as responsabilidades sobre a escravidão moderna e o comércio/tráfico de africanos escravizados. Em relação à história do continente africano é uma das manifestações mais constantes dos racismos estrutural e epistêmico que atravessam a modernidade ocidental.

Durante toda a era Moderna, os encontros entre a Europa e a África foram marcados por um discurso de domínio baseado na negação da humanidade, da história e da capacidade civilizadora dos povos africanos. Essa negação não ocorreu apenas através da dominação militar e da ocupação territorial mas, principalmente, pela imposição de uma narrativa histórica que apagava as contribuições africanas na construção do patrimônio histórico e cultural da humanidade, relegando o continente a um papel secundário e inferior na produção de conhecimento (OLIVA, 2010). Outra forma de manifestação do negacionismo histórico sobre a África envolve a desresponsabilização de europeus e americanos como agentes diretos, financiadores, detentores e acumuladores dos lucros obtidos com o comércio de pessoas escravizadas e do uso da escravidão nas Américas e na Europa (Lopes, 2013). Por fim, soma-se a esse um último fenômeno do revisionismo sobre o passado de África, no qual, novamente, os europeus revisam, manipulam e negam as justificativas e as consequências das violências e explorações coloniais².

² Os estudos históricos sobre a presença europeia e americana em África, bem como os eventos contemporâneos que recorrentemente descortinam aos olhos do mundo as feridas abertas deixadas naquele continente pelos projetos imperialistas, não permitem minimizar a violência explícita das ações de subjugação política e de extração de recursos que acompanharam o colonialismo (Trajano Filho, 2004: 23).

Portanto, entender o negacionismo histórico no que tange à história da África exige a investigação de como os processos de colonização e escravização foram seguidos por uma série de estratégias simbólicas e discursivas que tornaram o apagamento dessas histórias ou os responsáveis diretos por ela em um sistema repetitivo de discursos e posturas. Como aponta Achille Mbembe (2018), esse mecanismo se relaciona com a lógica da colonialidade do poder, ou seja, com a continuidade de estruturas de dominação epistêmica e cultural que persistem mesmo após a formalização do fim do colonialismo (tanto na Europa, como na África e nas Américas). O que se observa é a continuidade de uma epistemologia ocidental tida como universal, mas que, na prática, gera exclusões e hierarquizações entre os diferentes saberes.

Assim, ao debater o negacionismo histórico relacionado à África, temos como intenção questionar também os alicerces da historiografia moderna e seus padrões de veracidade, cientificidade e objetividade. Também procuramos refletir sobre a forma que a História, como campo de disputa simbólica, foi empregada como ferramenta de legitimação de um projeto de poder que desumanizou populações inteiras, normalizou a escravidão e criou um imaginário de inferioridade que continua a se manifestar em diversas esferas sociais, culturais e acadêmicas.

Breve histórico do apagamento e revisionismo histórico sobre a África

Desde os primeiros contatos modernos entre europeus e africanos, a história da África foi contada a partir de uma perspectiva externa, fundada na lógica da dominação e da diferença (Oliva, 2010). Essa narrativa foi construída com base em pressupostos eurocêntricos, que posicionaram o continente como o “outro” da modernidade, isto é, como sendo o oposto da razão, da civilização e do progresso, como referenciou a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019) em sua palestra “O perigo da história única”, apresentada no TED Global em 2009, ao apontar que as narrativas estão profundamente relacionadas ao exercício do poder. A autora destaca que a forma como as histórias são contadas, quem as conta, quando e quantas são contadas, reflete estruturas de dominação que determinam quais vozes são ouvidas e quais são silenciadas. Para ilustrar essa ideia, Adichie utiliza o termo da língua igbo *Nkali*, que significa “ser maior que o outro”, demonstrando que tanto na economia, na política e nas narrativas, há sempre uma dimensão de poder que influencia a percepção e a representação do outro (Adichie, 2019).

O filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel, chegou a afirmar que a “África não é uma parte histórica do mundo, não oferece qualquer movimento, desenvolvimento ou

qualquer progresso histórico próprio”, perpetuando a ideia de que a humanidade africana só adquire sentido histórico com a chegada do europeu (Hegel, 1985, p. 324). Desde o século XV, quando se intensificaram as navegações e o comércio de escravizados, os europeus passaram a produzir descrições sobre o continente africano com base em uma lógica de alteridade racial. E, “simples assim”, um continente inteiro passou a ser representado como um espaço de barbárie, irracionalidade e ausência de cultura, em contraste com a suposta utopia sociocultural europeia. Essa concepção marcou profundamente a historiografia ocidentalizada, e tornou-se fundamento para o racismo científico e o colonialismo dos séculos XIX e XX (Oliva, 2010).

Durante a chamada “Partilha da África” (a partir de 1885)³, o continente foi fragmentado em territórios sob domínios europeus, sem qualquer consideração pelas dinâmicas socioculturais e políticas locais. Esse processo consolidou um tipo de produção de conhecimento cuja função primordial era justificar a dominação e sustentar a imagem de uma África primitiva e carente de cultura. A antropologia colonial, as missões religiosas e os relatos de viajantes contribuíram para naturalizar a ideia de inferioridade dos povos africanos (Mudimbe, 2019).

Em *A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento* (2019), o filósofo quinxassa-congolês Valentin–Yves Mudimbe demonstra que o conhecimento produzido sobre o continente foi uma construção discursiva colonial. A África foi “inventada” como um espaço de ausência e negatividade, necessária para a Europa afirmar sua própria identidade como portadora da razão. Seu apagamento histórico, portanto, não é mero acidente da historiografia, mas um projeto político e epistêmico voltado à consolidação do poder colonial a partir de uma reconfiguração territorial e cultural do continente que visava não apenas o controle econômico, mas também a destruição das estruturas de saber e de memórias locais.

Entretanto, a história africana anterior ao colonialismo (um curto período que se estende do final do século XIX à segunda metade do século XX) revela um panorama multissecular completamente distinto. Impérios como do Egito, Mali, Songhai, Gana, Kongo, Zimbábwe e Axum desenvolveram estruturas políticas complexas, sistemas de comércio transcontinental, produções artísticas sofisticadas e formas de organização social baseadas em valores comunitários. A universidade de Timbuktu, no atual Mali, é exemplo paradigmático de um centro intelectual que, entre os séculos XIII e XVI, abrigou milhares de manuscritos em áreas

³ Foi um processo impulsionado pelos interesses imperialistas europeus, resultando na criação de fronteiras artificiais que desconsideraram as realidades políticas, étnicas e sociais dos povos africanos, gerando tensões e conflitos duradouros (M'Bokolo, 2009).

como astronomia, medicina, filosofia e direito islâmico⁴. Este fato é mais uma evidência atestando que o Ocidente possui uma enorme “dificuldade” em compreender a África e outros continentes e países que destoam culturalmente do modelo europeu e, por consequência, apaga sistematicamente a riqueza, produções e a cultura das civilizações africanas. Como Mudimbe destacava, a produção de uma Biblioteca Colonial era parte de um projeto de poder e domínio (Mudimbe, 2019; 2020).

Com o surgimento dos movimentos de independência africanos no século XX, iniciou-se um esforço intelectual de reescrita da história, impulsionado por autores como o historiador e antropólogo senegalês Cheikh Anta Diop⁵, o historiador burquinabé Joseph Ki-Zerbo⁶, o filósofo congolês Theophile Obenga⁷ e o jurista de Trinidad e Tobago, Sylvester Williams⁸. Suas produções buscaram reforçar a ideologia pan-africanista e restituir à África sua dignidade histórica, destacando suas contribuições científicas e culturais.

Contudo, ao mesmo tempo em que esse movimento ganhava força, surgiu uma outra reescrita, uma espécie de revisionismo histórico colonialista moderno, que se propunha a, novamente, reinterpretar o passado africano a partir de parâmetros ocidentais, deslegitimando as fontes locais, os registros orais e as tradições próprias de transmissão de saber. Nesse contexto, esse tipo de produção não se limitava a uma disputa de narrativas sobre o passado, mas integrava um projeto ideológico de controle simbólico que persiste em reafirmar a hegemonia cultural eurocêntrica a partir do presente⁹.

Esse tipo de revisionismo manifesta-se também por meio de discursos acadêmicos, midiáticos e políticos que buscam naturalizar o imaginário da inferioridade africana,

⁴ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) designou Timbuktu como Patrimônio Mundial em 1988, reconhecendo-a como um importante centro de difusão da cultura islâmica. Menciona especificamente a Universidade de Sankore e suas 180 escolas corânicas, que abrigavam cerca de 25.000 alunos em seu auge.

⁵ Conhecido por suas teses que defendem a origem negro-africana da civilização egípcia e a contribuição fundamental da África para a cultura e ciência mundiais, opondo-se a preconceitos racistas na historiografia.

⁶ Notável por sua obra "História da África Negra" (1972) e por ser um dos organizadores da coleção *História Geral da África* da UNESCO, na qual argumentou contra a ideia de uma África sem história e defendeu a importância de uma perspectiva africana autêntica na historiografia.

⁷ Conhecido por suas pesquisas que defendem a conexão entre o Egito Antigo e as culturas negras africanas, sendo uma figura-chave do afrocentrismo. Foi professor na Universidade de San Francisco.

⁸ Advogado e ativista de Trinidad e Tobago, amplamente reconhecido como o fundador do movimento pan-africanista e o principal organizador da Primeira Conferência Pan-Africana, realizada em Londres em 1900, onde o termo “pan-africano” foi utilizado pela primeira vez para discutir a proteção dos direitos dos africanos e da diáspora contra o imperialismo e o racismo colonial.

⁹ Renato Ortiz, renomado sociólogo brasileiro e professor titular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) aponta em sua obra *Cultura Brasileira e Identidade Nacional* (2006) que a suposta superioridade da Cultura ocidental é uma ideologia internalizada pelos próprios colonizados, sobretudo as elites dominantes nacionais, resultando em uma padronização de hábitos, valores e produtos culturais, impulsionada pela expansão do mercado e da mídia global.

remodelando-o a partir da lógica de defesa se uma suposta neutralidade científica ou de crítica historiográfica (Ortiz, 2006). Essa tendência contemporânea pode ser observada em três frentes principais:

- Na relativização da violência colonial e escravista, onde diversos discursos públicos e produções culturais ocidentais insistem em apresentar o colonialismo como uma “missão civilizatória” ou como um processo “inevitável” da história moderna, apagando o caráter genocida e exploratório da dominação europeia. Em alguns casos, o colonialismo é reinterpretado como um intercâmbio cultural, minimizando a destruição das estruturas políticas e epistemológicas africanas. Essa forma de revisionismo transforma o opressor em agente de progresso, enquanto o colonizado permanece reduzido à condição de receptor passivo. Em outros casos, o tempo transcorrido desde o fim do domínio colonial europeu em África há 50 ou 70 anos, aparece como motivador da lógica de que aqueles eventos e suas consequências se encontram enterrados no passado e não possuem relação alguma com o presente.
- Na redução do continente africano a um conjunto de estereótipos culturais, já que mesmo nos discursos contemporâneos que pretendem valorizar o continente, a África é frequentemente retratada de modo homogêneo, essencializado e folclorizado - como se fosse uma única entidade cultural, exótica e distante da modernidade. Essa representação reduz a pluralidade histórica e epistemológica do continente a imagens simplificadas de tribalismo, pobreza e irracionalidade. É uma forma de “racismo por estetização”, que perpetua o distanciamento simbólico entre a África e o Ocidente (Mbembe, 2018).
- Na apropriação seletiva das contribuições africanas, visto que em certas áreas do conhecimento, como filosofia, matemática, medicina e artes, as contribuições africanas são incorporadas apenas quando traduzidas ou reinterpretadas à luz de categorias europeias. Essa apropriação epistêmica preserva o monopólio ocidental sobre a produção de conhecimento, desconsiderando as condições históricas e culturais em que tais saberes foram elaborados.

Essas práticas revisionistas modernas produzem o que Achille Mbembe (2018) denomina “*continuum colonial*”: uma estrutura de poder que, mesmo sem o aparato formal de colônia, mantém ativa a hierarquia de dominação racial, sendo reconfiguradas e adaptadas com o passar do tempo, manifestando-se de forma contínua e universalizada nas sociedades contemporâneas. O negacionismo histórico, portanto, não é um fenômeno do passado, mas um

dispositivo em constante atualização. Ele se adapta às novas linguagens da globalização, ao multiculturalismo liberal e à retórica da neutralidade científica, preservando o núcleo eurocêntrico da dominação epistêmica.

Por essa razão, compreender o revisionismo histórico contemporâneo significa reconhecer que ele não opera apenas pela negação do passado, mas também pela reinterpretação do presente. Ele atualiza as hierarquias raciais e culturais por meio de uma epistemologia que, sob o manto da racionalidade e da objetividade, continua a excluir, minimizar e inferiorizar a África.

Em conjunto a isto, observa-se esse revisionismo também em outras áreas, como no ambiente digital, espaço este composto por diversas plataformas de comunicação em massa, redes sociais, mecanismos de busca, sites noticiosos e repositórios audiovisuais (onde a produção e reprodução de narrativas sobre o continente também se disseminam). Na medicina, vivemos antes e durante a pandemia de Covid-19 o crescimento do negacionismo vacinal. Já os cientistas do clima apontam a existência de longos anos dos negacionistas das mudanças climáticas. A lista não terminaria aqui, mas nosso foco irá dirigir-se para o ambiente digital e a forma como as plataformas e redes sociais operam a circulação desses negacionismos e o seu grande alcance.

Racismo epistêmico e a sustentação do negacionismo

O racismo epistêmico forma parte da base teórica e ideológica que apoia o negacionismo histórico relativo à África. Esse conceito, elaborado por pensadores como Ramon Grosfoguel (2007), diz respeito à desvalorização sistemática dos saberes produzidos fora do eixo euro-americano (ocidental), em particular os provenientes das comunidades negras e indígenas. Assim, o racismo epistêmico não se limita a ser uma forma de exclusão intelectual, é também um instrumento de poder que determina quem pode conhecer e ser reconhecido como criador de conhecimento.

Ao se declarar universal, a epistemologia científica ocidental criou uma barreira simbólica que rotulou os conhecimentos africanos como "não científicos" ou "primitivos". Esse processo é o que Sueli Carneiro (2005) chama de epistemicídio: a eliminação sistemática das formas de conhecimento associadas aos grupos racializados. O epistemicídio não se limita à eliminação material de livros, instituições de ensino e tradições; ele também envolve a negação da autoridade epistêmica dos indivíduos africanos, tratando-os como objetos de estudo em vez

de reconhecê-los como criadores de teoria. Quando falamos ainda de sociedades ou civilizações nas quais a tradição oral e a oralidade são os pilares da circulação do conhecimento, o assassinato de anciãos e mulheres também pode ser percebido como um epistemicídio.

Frantz Fanon (2008) notou que o racismo atua não só na dimensão social ou material das sociedades, mas também nas esferas simbólica e cognitiva. O colonizado é privado de sua própria história e instruído a se ver somente pela perspectiva do colonizador. A alienação epistêmica possibilita a propagação do negacionismo, pois o indivíduo colonizado, despojado de sua memória, passa a depender das histórias impostas pelo opressor.

Já ao desenvolver o conceito de necropolítica, Achille Mbembe (2018) ampliou essa reflexão ao mostrar que o poder moderno determina não só quem deve morrer, mas também quem tem o direito de existir intelectualmente. Nesse contexto, o racismo epistêmico atua como uma modalidade de necropolítica cognitiva, ao estabelecer quais conhecimentos devem ser preservados e quais podem ser descartados. Assim, a negação do conhecimento africano representa uma extensão simbólica da violência colonial.

As redes sociais e o consumo cultural no Brasil contemporâneo

A evolução das tecnologias tem gerado profundas transformações na forma como nos comunicamos, especialmente pelos meios digitais conectados à internet. Neste sentido, é notável que o uso dessas ferramentas tecnológicas tem se tornado algo regular dentro da sociedade brasileira. Estima-se que 90% da população tenha acesso diário à internet¹⁰ e usufrua de suas redes sociais e plataformas digitais como fonte primária para interações pessoais e pesquisas, entre outras atividades¹¹. Outro fato relevante é o crescimento das plataformas de comunicação que estão transformando as narrativas e os discursos públicos sobre a história, não apenas do país, mas em todo o mundo. Isto porque as redes sociais digitais demonstram uma extraordinária capacidade dos indivíduos em gerar, difundir e trocar significados na comunicação interpessoal e coletiva, em um sistema massivo de rede e em tempo real, no qual tudo tende a estar ligado.

¹⁰ Segundo pesquisas do IBGE, de 2023 para 2024, houve um acréscimo de 2,4 milhões de domicílios com Internet. Nas áreas rurais, o crescimento tem sido mais acelerado, reduzindo a diferença em relação ao meio urbano. Já de 2024 para 2025 esse aumento foi de 6,1 milhões de pessoas. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2025/Julho/brasil-conecta-6-1-milhoes-de-novos-usuarios-a-internet-em-apenas-dois-anos-aponta-ibge>, acesso em 10/11/2025.

¹¹ Atividades ligadas ao entretenimento e lazer, além da comunicação e compartilhamento de ideias.

À medida que os acessos e interações virtuais se intensificam, os conteúdos consumidos e compartilhados nesses ambientes também aumentam, fazendo com que seja fundamental estar atento para o modo como esses conteúdos são processados, interpretados e como influenciam as formas de compreensão do mundo. Essa nova abordagem exige o desenvolvimento de um senso crítico-reflexivo, permitindo que os indivíduos identifiquem os significados implícitos nos gêneros discursivos e demais artefatos culturais impregnados de ideologias que circulam na rede.

Dessa forma, as interações virtuais fomentam a disseminação de uma grande diversidade de textos, impulsionados por discursos de diferentes grupos sociais, que representam aspectos do mundo sob a perspectiva de coletivos hegemônicos, especificamente em preservação e fortalecimento do *status quo*¹² que lhes garantem privilégios. Ao mesmo tempo, essas interações se aproximam em um exercício de naturalização de uma visão de mundo predominantemente preconceituosa, pouco aberta a questionamentos críticos, mesmo quando fundamentados em dados científicos e verificáveis que podem desafiar e transformar o atual cenário.

Dentro desse contexto, são utilizados diversos recursos para dar concretude aos discursos e representar o mundo nas interações virtuais. Entre esses recursos, destacam-se os *memes*¹³ verbo-imagéticos¹⁴ (Chagas, 2020), produtos culturais híbridos amplamente divulgados pela internet, que surgem como ferramentas humorísticas comuns em diálogos digitais. Esses memes, embora não sejam novos em termos de prática cultural, refletem práticas socioculturais recentes, elaboradas por usuários do mundo digital a partir dos elementos disponíveis em seus contextos específicos (Lima-Neto, 2020).

É essencial, portanto, que se intensifiquem os debates sobre a importância e a urgência de desenvolver o senso crítico-reflexivo entre aqueles que participam da comunicação, com o objetivo de exportar relações desiguais de poder tanto nas instituições quanto nas interações sociais. Sob esse prisma, é crucial abordar o racismo epistêmico no Brasil, reconhecê-lo como uma característica estrutural e combatê-lo, além de adentrar em questões oriundas a ele, como

¹² O conceito significa “o estado das coisas”, à situação existente ou ao estado de coisas estabelecido. A expressão latina é usada para descrever a maneira como as coisas são atualmente e como elas têm sido historicamente, indicando a ausência de mudanças ou interrupções significativas nesse estado e, geralmente implica uma estabilidade ou continuidade nas relações, ou estruturas existentes.

¹³ Segundo o pesquisador Viktor Ghagas “Meme é um termo cunhado em 1976, pelo biólogo Richard Dawkins, em seu livro *O gene egoísta*”. Entre outros sentidos o “meme, portanto, assim como o gene, constitui-se como um replicador, uma unidade de transmissão, que carrega informações (biológicas, no caso dos genes; culturais, no caso dos memes) de um lado a outro e se espalha entre as pessoas como se as contaminasse” (CHAGAS, 2021).

¹⁴ Como textos multimodais, servem como meios de expressão de convicção, valores, atitudes e ideologias excludentes e supremacistas.

o sexismo, os negacionismos científicos e históricos¹⁵, ideias defendidas comumente por visões eurocêntricas e divulgada por meios de comunicação de massa, que impactam a vida de pessoas negras, muitas vezes julgadas com base em preconceitos e estereótipos.

A partir desta argumentação, esta pesquisa analisou os impactos do racismo e do colonialismo sobre as representações e discursos históricos elaborados sobre a história africana, a África, os africanos e as populações afrodiáspóricas, bem como os debates sobre o negacionismo histórico, os discursos de ódio e as memórias históricas, através de um mapeamento da produção e circulação de memes e discursos sobre a África, em uma das principais redes sociais na internet: o Instagram¹⁶. Para isto, a pesquisa estruturou-se a partir dos métodos da pesquisa bibliográfica, da investigação acerca da crescente propagação de ideias e discursos negacionistas e estereotipados que cercam as sociedades africanas e afrodiáspóricas, da revisão da literatura, da análise crítica dos discursos (Dijk, 2005) e da análise de imagens e representações (Hall, 2016).

A seleção dos memes se deu devido à sua popularidade no Instagram e em suas redes relacionadas¹⁷ e, principalmente, pela forma como apresentam opiniões, atitudes e discursos alinhados à ideologia racista. Este é um debate recorrente diante do atual cenário onde as pessoas negras são as principais vítimas de opressão, exploração e desigualdade no Brasil, onde enfrentam uma disparidade socioeconômica em relação às pessoas brancas, além de um aumento nos casos de feminicídio de mulheres negras, e a juventude negra sendo alvo preferencial de violência, e a superlotação das prisões, com mais de 60% da população carcerária composta por pessoas pretas e pardas.

O crescente uso das plataformas digitais: o Instagram

O Instagram teve uma trajetória “meteórica” desde o seu lançamento, em 2010, mesmo ano que começou a ser utilizado no território brasileiro, e a simplicidade foi uma de suas principais características. A interface intuitiva, por exemplo, aliada à facilidade de capturar e compartilhar momentos, atraiu uma ampla gama de usuários, independentemente

¹⁵As estruturas do pensamento histórico continuam a ser hegemonicamente brancas e colonizadoras/colonizadas, mais do que isso, os sentidos da História continuam alicerçados nos silêncios e racismos/colonialismos epistêmicos, com algumas destacadas exceções.

¹⁶ Uma das plataformas digitais mais populares da atualidade com 134,6 milhões de usuários brasileiros ativos, segundo dados publicados nas ferramentas de planejamento da Meta, empresa responsável pelo gerenciamento da plataforma.

¹⁷ Como a *Threads*, rede social lançada pelo conglomerado Meta, que também é responsável pelo Instagram e Facebook.

de sua experiência em redes sociais. Ao longo dos anos, o Instagram não se contentou em ser apenas uma plataforma de compartilhamento de fotos e tem feito um esforço extra para se atualizar com base no histórico de preferência das novas gerações: os vídeos. Por isso, passou a introduzir uma série de recursos como os *Stories*, o IGTV e foco em *e-commerce*. Essas atualizações mantiveram a plataforma em alta e atraíram ainda mais audiência. O Instagram passou a ser visto como um terreno fértil para o surgimento dos famosos influenciadores digitais, criando uma comunidade global de criadores e consumidores de conteúdo, dinâmica que contribuiu significativamente para o sucesso da plataforma (Jardim; Di Pires, 2022).

Justamente a crescente inserção dessa plataforma digital como um espaço colaborativo de difusão contínua de ideias, tem impactado o campo da produção e circulação de conteúdos científicos de maneira brutalizada, pois as pessoas usam seus perfis na rede digital para relatar, compartilhar ideias e difundir conceitos sobre determinados assuntos, retratando sua opinião sobre eles, gerando uma onda que estabelece parâmetros, identidades e posicionamentos sociais. É partindo desse meio que se difundem parte dos negacionismos científicos e históricos, um fenômeno histórico e social emergente que tem contribuído para os efeitos de longa duração do racismo e do colonialismo, pois no caso específico da produção de discursos históricos, diversas estratégias são empregadas por agentes e agências ligados às práticas políticas e discursivas revisionistas/minimizadoras/negacionistas envolvendo as responsabilidades históricas ligadas à escravidão moderna colonial, aos colonialismos, ao racismo e aos genocídios contemporâneos.

Sendo uma das plataformas digitais mais populares atualmente, o Instagram foi consolidado como a 3ª rede social mais usada no Brasil no ano passado, com cerca de 113,5 milhões de usuários (Ibope Repucom, 2023). Esta ferramenta digital, que conta com um histórico de transformações em seu formato, tem resultado em uma maior visibilidade para pautas bastante pertinentes na sociedade atual, já que a comunicação em massa por meio de discursos textuais e imagéticos cria possibilidades para intensas interações que incluem nichos de conhecimento como o feminismo, as relações de classe social, o eurocentrismo, o racismo e os negacionismos históricos, fazendo desta plataforma uma ágora global digital e “termômetro social e político” (Santaella; Lemos, 2010, p. 66).

Conseqüentemente, o Instagram tem potencializado a construção de um imaginário intolerante e discriminatório a respeito de culturas e identidades afrodiáspóricas, uma prática que vem se materializando na produção e circulação de memes, em razão de eles serem

frequentemente empregados por forças hegemônicas como poderosos artifícios para a instauração, sustentação e universalização de discursos particulares mobilizados por ideologias excludentes, profundamente pautadas em concepções eurocêtricas do mundo, marcadas pelo negacionismo e uma gama de preconceitos que oprimem, exploram, subvalorizam, silenciam e matam indivíduos marginalizados e em situação de vulnerabilidade social. Essa prática, que se mostra recorrente nesta plataforma digital, recentemente tem ganhado mais força devido a um reforço em suas bases de interação com surgimento de uma nova rede atrelada a ela: o *Threads*.

A iminência do Threads

O Threads é uma rede social desenvolvida e lançada pelo Instagram em 2023. A plataforma tem como principal objetivo oferecer um espaço para que usuários compartilhem atualizações de texto e participem de conversas públicas. O ingresso na plataforma requer uma conta no Instagram, que é a empresa responsável pelo desenvolvimento do Threads, facilitando os usuários habituais da rede primária a migrarem seus diálogos para um novo espaço.

Com funcionamento similar ao de serviços como o X (antigo *Twitter*) e *Bluesky*¹⁸, o Threads permite que você crie textos de até 500 caracteres, com opção de incluir links, fotos, carrosséis, vídeos e mensagens de voz. Também é possível curtir, responder, republicar ou compartilhar tópicos de discussão. Sua atual popularidade se deu pelo fato de recentemente o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), ter determinado a suspensão do X no Brasil¹⁹. A decisão, que gerou grande comoção na sociedade brasileira, acarretou em uma crescente onda de usuários que migraram para esta plataforma, a tornando a quarta rede mais acessada no Brasil no mês de setembro de 2024, segundo dados estatísticos realizados em um estudo pela Universidade Metodista de São Paulo.

¹⁸ Ambas são redes sociais que se assemelham na estrutura e funcionalidade, diferenciando-se em alguns aspectos ligados ao design.

¹⁹ Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-determina-suspensao-do-x-antigo-twitter-em-todo-o-territorio-nacional-2/>, acesso em 07/11/2024.

Conceitos e ferramentas de análises

No campo da produção e circulação de imagens, o teórico da cultura e sociólogo jamaicano Stuart Hall (2016) lembra que muitas imagens expostas na cultura popular e nas mídias de massa estão alicerçadas nos estereótipos raciais vinculados aos imaginários da escravidão, do colonialismo e do racismo. As imagens produzidas pelo cinema, pelas propagandas comerciais, literatura, imprensa, expressões artísticas e fotografias, quando voltadas para a construção de discursos sobre determinados grupos sociais ou sociedades racializadas, devem ser analisadas, neste caso, como “regimes ou políticas de representação”. Hall afirma ainda que “as imagens não carregam significado ou significam por conta própria”, elas acumulam ou eliminam seus significados face às outras por meio de uma variedade de textos e mídias. Cada imagem tem seu próprio “significado específico” (Hall, 2016, p. 50); no entanto, no caso das populações africanas e afrodiáspóricas, essas representações produzidas a partir das sociedades europeias e americanas, acompanhadas da ideia de sátira ou humor ácido, na realidade estão marcadas por estereótipos racistas e ideologias ofensivas. Esse processo de estereotipagem do outro “é parte da manutenção da ordem social e simbólica”, criando fronteiras entre os grupos e reproduzindo desigualdades e exclusões.

Já para a psicóloga e pesquisadora Valeska Zanello, “as imagens, como supostas representantes da realidade, deixam pouco espaço para a dúvida ou a reflexão, como seria o caso das palavras, e têm um poder persuasivo muito maior”. A autora defende que, mesmo no “caso de imagens nitidamente criadas, como são alguns memes, opera-se a construção de uma metáfora visual, retoricamente mais poderosa e convincente do que aquela falada”. Dessa forma, as imagens “são instrumentos potentes para manejar e manipular emoções. E é, sobretudo nessa esfera, da guerra psicopolítica, que tem se dado o que se considera hoje em geopolítica como guerras indiretas” (Zanello, 2022).

Nesse contexto, é fundamental incluir a contribuição de Cida Bento (2022), especialmente desenvolvida em sua obra sobre o “pacto da branquitude”. A autora demonstra que as sociedades marcadas pelo colonialismo constituíram, ao longo do tempo, um pacto tácito e afetivo entre pessoas brancas para manter privilégios raciais, preservar posições de poder e sustentar a branquitude como norma social e simbólica. Esse pacto opera não apenas nas instituições, mas também na produção de sentidos, especialmente na forma como imagens e discursos moldam quem é considerado humano, civilizado, confiável ou digno de reconhecimento. No campo das representações midiáticas, o pacto da branquitude se manifesta na naturalização de estereótipos raciais, na centralidade do olhar branco como referência

narrativa e no apagamento sistemático das experiências e memórias históricas das populações negras. Assim, as imagens humorísticas ou satíricas que ironizam corpos negros, africanidades ou elementos da diáspora, ao invés de neutras, participam ativamente da manutenção da ordem racial, validando emocionalmente - sob a aparência de brincadeira - hierarquias historicamente construídas.

A partir destas argumentações, foi possível observar os impactos do racismo e do colonialismo sobre as representações e discursos históricos elaborados sobre a história africana, a África e populações afrodiáspóricas, bem como analisar os debates sobre o negacionismo histórico, os discursos de ódio, memórias históricas e sexismo. Além disso, torna-se possível compreender como o debate público sobre alguns fenômenos e eventos históricos - a escravidão moderna colonial, os genocídios contemporâneos (como os genocídios coloniais em África e o genocídio de Ruanda) e o racismo estrutural - influenciam as políticas de reparação e justiça. Através do mapeamento e análise da produção e circulação de memes, comentários discriminatórios e discursos sobre a África, os africanos e a imigração africana no Brasil, em uma das principais redes sociais na internet, o Instagram, tornou-se evidente de que forma o negacionismo histórico, aliado às dinâmicas da estereotipagem e ao pacto da branquitude, influencia a produção dessas representações e a formulação de narrativas sobre os impactos da escravidão atlântica moderna em África, os efeitos do colonialismo para os africanos e o racismo e a misoginia que circulam nas plataformas digitais.

Os Memes: análise da circulação de representações e discursos no Instagram

Os memes a seguir foram selecionados a partir de uma investigação e mapeamento fundamentados na quantidade de acessos, compartilhamentos e comentários acerca de sua publicação. Buscava-se verificar como mensagens em formato de memes, que operam em favor de discursos que naturalizam o racismo e as demais práticas discriminatórias, podem influenciar a mobilização de consciência histórica²⁰ de sujeitos nos espaços digitais, já que as marcas da dominação racial histórica se materializam nas mensagens desses memes. Operando no nível da produção humorística ou do entretenimento, as expressões, discursos

²⁰ Segundo o historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen, o conceito trata-se da capacidade humana de usar o passado para compreender o presente e orientar o futuro, estabelecendo uma relação dinâmica entre o tempo vivido e a experiência histórica através da [narrativa](#).

de ódio e negacionismos históricos se fazem presentes nas representações. Quando postas numa interpretação social histórica, revelam uma espécie de movimento de contração do tempo histórico que aproxima passado e presente, e revela conexões com os significados da existência de mais de 300 anos de escravidão que influenciaram a formação da mentalidade racista na sociedade brasileira.

A escolha dos materiais analisados foi baseada na identificação de sete imagens que demonstraram um alto nível de engajamento no Instagram, levando em conta acessos, compartilhamentos, comentários e duração na circulação pública. A seleção desses sete itens não foi feita apenas com base em sua popularidade, mas, sobretudo, na riqueza simbólica que cada um deles evoca. Verificou-se que esses memes reúnem diversas camadas de representação racial, histórica e social, evidenciando conexões explícitas ou implícitas com discursos que permeiam o racismo estrutural, estereótipos coloniais, sexismo, hipersexualização de corpos negros, xenofobia, distorções da história africana e afro-diaspórica, além de várias formas de negacionismo histórico.

Esses elementos, presentes de forma desigual em cada meme, evidenciam que essas representações não se limitam a um único eixo temático. Pelo contrário, eles acionam simultaneamente vários marcadores de diferença e desigualdade, fazendo com que cada imagem funcione como um artefato multimodal que concentra tensões históricas, políticas e sociais. A organização dos sete memes em uma única categoria de análise é inviável devido a esse caráter multifacetado, pois qualquer tipificação rígida diminuiria sua complexidade interpretativa e desconsideraria as sobreposições de sentidos que os formam.

Dessa forma, optei por tratar cada meme como uma unidade singular de análise, considerando suas especificidades e reconhecendo que a variedade de temas demanda estratégias adaptáveis, capazes de incorporar diferentes referenciais teóricos. Assim, a pesquisa possibilita a compreensão de como esses produtos culturais digitais refletem e perpetuam padrões racistas, colonialistas e discriminatórios, ao mesmo tempo em que destaca o papel das imagens na formação, conflito e manipulação da consciência histórica nos ambientes virtuais contemporâneos.



Imagem 1

Postagem publicada em perfil denominado “panico_na_net”, que tem como foco o entretenimento e o humor e possuía mais de 900 mil seguidores (disponível em:

https://www.instagram.com/panico_na_net?igsh=ZXppdmZ5ZmpoazV2, acesso em: 15 de out. de 2025)

A imagem analisada apresenta duas mulheres colocadas em contraste: de um lado, a atriz estadunidense Zendaya Coleman, que possui descendência afro-americana, identificada como “símbolo de beleza de Hollywood”²¹; de outro uma mulher descrita como “atendente da padaria do meu bairro”.

Embora seu formato humorístico aparente neutralidade, o meme incorpora camadas profundas de significados sociais, que revelam processos históricos de hierarquização dos corpos, mecanismos contemporâneos de objetificação e a reprodução de padrões estéticos racistas amplamente difundidos pelas plataformas digitais.

A comparação entre as duas mulheres evidencia o fenômeno descrito pela psicóloga e pesquisadora Valeska Zanello como o regime de subjetivação estética, no qual o corpo feminino é construído socialmente como objeto de avaliação contínua, sendo atravessado por expectativas normativas, vigilância e competição (Zanello, 2018). Nesse contexto, o meme

²¹ Zendaya é uma figura pública celebrada por representar a beleza da comunidade afro-americana e por desafiar o padrão de que apenas características eurocêntricas são belas ou aceitáveis em Hollywood, algo que vem gerando grandes discussões nas mídias digitais, principalmente com o crescimento da cultura *Woke*, termo utilizado originalmente em gírias americanas para simbolizar “Estar acordado e consciente sobre injustiças raciais”, mas que tem recebido críticas e significados controversos, sendo utilizado também para descrever hipócritas que acreditam que são moralmente superiores e querem impor suas ideias progressistas sobre os demais. (O que é 'woke' e por que termo gera batalha cultural e política nos EUA, BBC, 05 de nov. de 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy4y82w737do> Acesso em: 02 de dez. de 2025).

opera como um dispositivo simbólico que reforça a lógica de que a mulher deve “performar” beleza para ser reconhecida e validada socialmente, reforçando estruturas de poder historicamente direcionadas ao controle do corpo feminino.

Do ponto de vista dos estudos culturais, Stuart Hall esclarece que representações não são meros espelhos da realidade, mas práticas discursivas que constroem significados e produzem identidades (Hall, 2016). O meme acima, ao naturalizar a oposição entre uma beleza “global” e outra “local”, participa de um processo de produção simbólica que reafirma padrões estéticos hegemônicos, tornando invisível a construção histórica desses padrões e promovendo aquilo que Hall denomina naturalização discursiva - o esvaziamento crítico de valores sociais transformados em senso comum.

A essas camadas contemporâneas se soma uma dimensão histórica mais profunda: o legado do mito da escravidão natural, formulado por Aristóteles. Embora essa concepção tenha sido formalmente superada, seu núcleo ideológico - a naturalização de hierarquias corporais, morais e sociais - atravessou séculos e influenciou estruturas coloniais, raciais e de desigualdade no mundo ocidental. O meme, ao hierarquizar corpos femininos e ao sugerir superioridades e excepcionalidades baseadas na aparência, resgata, ainda que de forma implícita, esse imaginário ancestral no qual determinados corpos são concebidos como naturalmente superiores.

A naturalização de tais hierarquias, mesmo em conteúdos humorísticos, revela a força da propagação de violências simbólicas, dessa forma, o meme não deve ser compreendido apenas como brincadeira inocente, mas como manifestação de dispositivos discursivos que atualizam estruturas históricas de classificação e controle dos corpos, especialmente dos corpos femininos e racializados.

Assim, a análise crítica demonstra que a circulação desse tipo de conteúdo no ambiente digital reforça desigualdades ao mesmo tempo estruturais e simbólicas, mobilizando desde padrões antigos - como aqueles oriundos da tradição aristotélica - até mecanismos contemporâneos amplificados por algoritmos e culturas visuais. O meme, portanto, funciona como um ponto de observação privilegiado das dinâmicas que unem passado, presente e tecnologias na construção de imaginários sociais.



Imagem 2

Captura de tela de postagem publicada em perfil denominado “panico_na_net”, que tem como foco o entretenimento e humor e possuía mais de 900 mil seguidores (disponível em:

https://www.instagram.com/panico_na_net?igsh=ZXppdmZ5ZmpoazV2 Acesso em: 13 de out. de 2025)

O meme reproduz a figura de um jovem negro com asas angelicais e a frase “Hoje o céu ganha mais uma estrela”, seguida de uma imagem clássica de Deus, representado como um homem branco em estilo renascentista, dizendo “kkkkkk tá aqui não, fi”. A composição, embora apresentada em tom humorístico, articula diversas camadas de violência simbólica, racialização, preconceito social e moralização da morte.

Um primeiro ponto central é a forma como o meme contribui para a banalização da morte de jovens negros, fenômeno que dialoga com o conceito de necropolítica de Achille Mbembe, no qual determinadas populações são administradas como vidas matáveis ou vidas descartáveis. O meme utiliza a morte - um evento trágico - como elemento de humor, reforçando a percepção de que a morte negra é previsível, aceitável ou mesmo socialmente indiferente. A normalização da perda de vidas negras opera como mecanismo inconsciente de legitimação de desigualdades raciais e sociais.

Silvio Almeida (2019) contribui para a compreensão da dimensão estrutural dessa representação. Ao indicar que o racismo estrutural atua também no campo simbólico, Almeida destaca que práticas discursivas que naturalizam a exclusão e a eliminação de corpos negros

constituem formas de manutenção das hierarquias raciais. A negação do jovem por parte da figura divina no meme reproduz esse mecanismo: o humor funciona como dispositivo que suaviza a violência simbólica, mas ao mesmo tempo reafirma a lógica segundo a qual sujeitos negros permanecem em posições de não pertencimento.

É nesse ponto que a análise de Cida Bento (2022) se torna fundamental. Ao desenvolver o conceito de pacto narcísico da branquitude, a psicóloga e pesquisadora demonstra como grupos brancos constroem alianças implícitas e mecanismos de autopreservação que garantem a manutenção de privilégios raciais por meio da naturalização da desigualdade. Esse pacto não é apenas institucional, mas também simbólico e afetivo, reproduzindo-se em práticas culturais que reforçam a centralidade do branco como norma.

No meme, esse pacto aparece de forma clara. A representação de Deus - figura máxima de autoridade, julgamento e acolhida cristãs - é realizada através de uma iconografia branca europeia. Essa escolha, mesmo que aparentemente humorística e convencional, reafirma que o lugar da autoridade moral, da pureza e da decisão sobre quem pertence ou não ao “céu” é ocupado por uma figura branca. A rejeição do jovem negro reforça, simbolicamente, a ideia de que há espaços - inclusive espirituais - cuja legitimidade é controlada pela branquitude. Esse é exatamente o funcionamento descrito por Cida Bento: a reafirmação de fronteiras simbólicas e afetivas que mantêm o corpo negro em posição de exterioridade.

Stuart Hall contribui para essa leitura ao explicar que representações culturais funcionam como mecanismos de produção e fixação de identidades. A imagem do jovem negro, associado à estética periférica e com uma arma na cintura, reproduz o estereótipo visual de uma juventude marcada pela suspeição, precariedade e morte precoce. Já a imagem de Deus, branca e clássica, opera como representação de autoridade, civilização e ordem. Hall enfatiza que tais representações não são inocentes: constituem dispositivos de hierarquização simbólica que estruturam formas de ver, sentir e julgar determinados corpos.

Dessa forma, o meme não apenas reproduz estereótipos raciais, mas articula um conjunto de significados que reforçam a lógica de exclusão simbólica - lógica que Cida Bento identifica como eixo central da manutenção da branquitude como norma. A combinação entre humor, morte e hierarquia racial faz com que o meme funcione como um mecanismo de reinscrição de desigualdades, reforçando a ideia de que corpos negros ocupam espaços sociais e espirituais nos quais seu pertencimento permanece sempre em disputa ou negado.



Imagem 3

Postagem publicada em perfil denominado “professor_de_filosofia”, que tem como foco divulgar conhecimentos e dicas de estudo da disciplina Filosofia alinhadas a um viés humorístico. Possuía 582 mil seguidores (disponível em:

https://www.instagram.com/professor_de_filosofia?igsh=MTgzY3lkZmEwZ2d3cg==, acesso em 18 de nov. de 2025.)

O meme analisado apresenta a imagem de uma escultura que representa um homem negro nu esculpido em pedra ao lado da estátua de Davi, de Michelangelo, associadas à legenda que afirma que “um dos motivos da escravidão foi a inveja”. O meme articula elementos que reproduzem estereótipos coloniais e sexistas e distorções históricas, mobilizando conceitos que demandam uma abordagem crítica fundamentada em autores clássicos dos estudos raciais e da representação.

Um primeiro elemento diz respeito ao processo de despolitização da escravidão, perceptível quando o meme atribui a origem da escravização a uma motivação estética ligada ao corpo negro. Tal operação discursiva corresponde a individualização de fenômenos estruturais, pela qual eventos complexos e institucionalmente organizados - como o regime escravista - são reinterpretados como fruto de causas pessoais, acidentais ou sentimentais (Almeida, 2019). Esse mecanismo integra o funcionamento do racismo estrutural, ao desviar o foco das dimensões econômicas e jurídicas que constituíram a escravidão moderna.

Além disso, o meme reforça formas específicas de classificação e hierarquização simbólica dos corpos, utilizando esta representação como mecanismo que fixa significados sociais e cristaliza identidades, atribuindo características rígidas a grupos racializados (Hall, 2016). O contraste entre o corpo negro, enfatizado como viril, forte e imponente, e o corpo branco idealizado segundo cânones estéticos europeus reitera exatamente esse processo. A representação atua como prática de poder que organiza a diferença racial, atribuindo valores e sentidos distintos aos corpos.

A dimensão mais profunda dessa construção aparece quando se observa a presença de um imaginário sexualizado do corpo negro, diretamente relacionado ao conceito de hipersexualização racial, demonstrando que o colonialismo produziu a figura do homem negro como corpo “hiper visível”, reduzido a sua função anatômica e sexual (Fanon, 2008). Fanon descreve que, no imaginário ocidental, o negro é frequentemente associado à potência sexual e ao excesso de desejo, tornando-se objeto de fetichização e medo. Essa redução do sujeito à sua dimensão física constitui uma das formas mais profundas de desumanização colonial. O meme, ao sugerir que a escravidão teria sido motivada pela “inveja” provocada pelo corpo negro, reproduz precisamente a lógica de erotização compulsória que transforma sujeitos em objetos de fantasia e comparação.

Para Mbembe (2018), o corpo negro continua sendo administrado como corpo racializado, visto como excessivo, perigoso ou desejável, mesmo fora do contexto colonial formal. Ao deslocar a escravidão para uma narrativa baseada no corpo e no desejo, o meme atua dentro da lógica que identifica como continuidade das tecnologias coloniais de classificação, nas quais os corpos são organizados segundo valores simbólicos racialmente determinados.

Assim, a análise do meme revela que sua estrutura humorística serve como veículo para a reprodução de estereótipos coloniais profundamente enraizados: a erotização histórica do corpo negro, a produção de identidades fixas e racializadas, a naturalização de hierarquias e dominação racial e a distorção das bases estruturais da escravidão. A imagem articulada à legenda não apenas banaliza um sistema histórico de violência, mas reinscreve a lógica de racialização do corpo, operando simultaneamente sobre o campo simbólico, político e histórico.



Imagem 4

Postagem publicada em perfil denominado “panico_na_net”, que tem como foco o entretenimento e humor e possuía mais de 900 mil seguidores (disponível em:

https://www.instagram.com/panico_na_net?igsh=ZXppdmZ5ZmpoazV2, acesso em: 02 de out. de 2025)

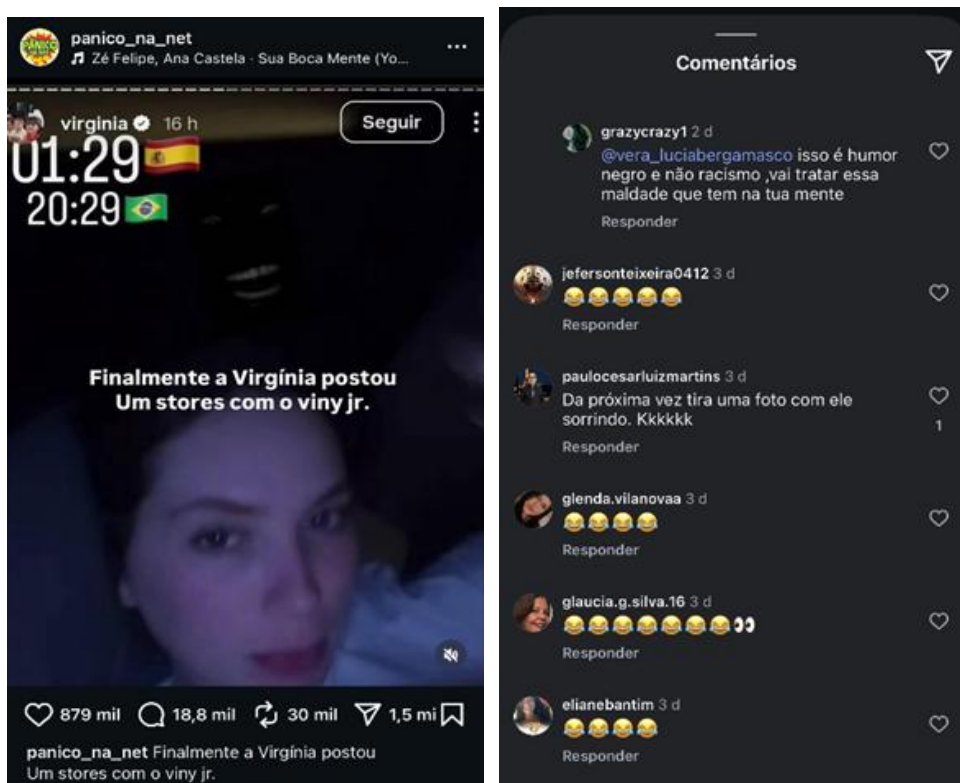
A imagem em questão apresenta um homem negro, visivelmente jovem, colocado em uma composição visual que distorce seu braço e o integra de forma cômica ao suporte de um aparelho eletrônico. Sobre essa cena, lê-se a frase “nego não se toca”, que, combinada ao enquadramento e à manipulação digital, constrói um enunciado humorístico sustentado por associações raciais historicamente presentes no imaginário social brasileiro. O termo “nego”, longe de ser um vocativo neutro, carrega memórias de subalternização vinculadas ao período escravocrata, ao colonialismo e às formas contemporâneas de racialização. Ele funciona como marcador de alteridade racial, reduzindo o indivíduo representado a uma categoria genérica que o despersonaliza, gesto muito comum nas práticas de objetificação e desumanização dirigidas aos sujeitos negros ao longo da história.

A leitura imediata do meme se apoia em um jogo de palavras que mistura a expressão “não se toca” - entendida como falta de percepção - com a sugestão visual de ausência física dos braços do jovem negro. Entretanto, quando examinada a partir dos regimes de representação (Hall, 2016), a imagem revela que seus sentidos não são espontâneos ou isolados: eles se organizam dentro de sistemas culturais que produzem e reproduzem significados racializados. As representações não apenas descrevem grupos, mas participam da manutenção de fronteiras simbólicas que reforçam estereótipos e sustentam hierarquias de poder. No meme, o corpo negro aparece como suporte da piada justamente porque ocupa, na ordem simbólica racial, o lugar historicamente construído da diferença inferiorizada.

Ao reduzir o corpo negro a um objeto incorporado a uma máquina - um braço confundido com o suporte do aparelho - a imagem opera um processo de desumanização que dialoga diretamente com as análises de Achille Mbembe (2018). O autor descreve como o escravismo moderno instituiu modos de gestão da vida e da morte marcados pelo controle absoluto do corpo negro, frequentemente tratado como instrumento, objeto ou propriedade. Embora o meme se apresente no campo do humor, ele reativa esse imaginário de desposseção do corpo, reencenando, em chave cômica, um tipo de objetificação que tem raízes na violência colonial. A distorção corporal que serve de base à piada não é, portanto, neutra: ela convoca repertórios de dor, degradação e exploração inscritos historicamente nos corpos negros. Racismo e capacitismo associados.

O humor que emerge dessa representação só se torna socialmente aceitável - e compartilhável - porque se apoia no que Silvio Almeida (2019) caracteriza como racismo estrutural. Para o autor, o racismo não se manifesta apenas em práticas explícitas de discriminação, mas se reproduz por meio de gestos cotidianos, naturalizados, que reforçam a inferiorização de pessoas negras. Memes como esse operam justamente no campo do ordinário, onde o riso funciona como mecanismo de normalização de desigualdades raciais. O que se apresenta como “brincadeira” só adquire sentido porque encontra eco em estruturas sociais que historicamente autorizam que o corpo negro seja alvo de ridicularização.

Em síntese, a aparente leveza do meme mascara um conjunto complexo de tensões históricas e sociais. Ele reativa estereótipos racializados, instrumentaliza o corpo negro como objeto de humor, reforça dinâmicas estruturais de desigualdade capacitista e encontra sustentação em pactos tácitos que preservam privilégios históricos. Nesse sentido, a análise humana e reflexiva da imagem revela que, mesmo em formatos humorísticos breves, a cultura digital pode funcionar como espaço de reprodução de violências simbólicas enraizadas em séculos de escravidão, colonialismo e racismo.



Imagens 5 e 6

Captura de tela de postagem e sequência de comentários publicado em perfil denominado “panico_na_net”, que tem como foco o entretenimento e humor e possuía cerca de 900 mil seguidores (disponível em: https://www.instagram.com/panico_na_net?igsh=ZXppdmZ5ZmpoazV2, acesso em: 04 de out. de 2025)

A imagem apresenta a influenciadora digital Virginia Fonseca²² em destaque, enquanto, ao fundo, uma figura de olhos e dentes, remetendo ao jogador de futebol Vinícius Júnior²³, seu atual companheiro, aparece quase completamente invisibilizado pela baixa luminosidade. Essa configuração visual se refere diretamente ao estereótipo racista de que pessoas negras “desaparecem na escuridão” e só são perceptíveis por dentes ou olhos, uma representação historicamente utilizada em charges coloniais para ridicularizar a negritude. Trata-se de um imaginário profundamente enraizado na cultura ocidental e que, como afirma Stuart Hall (2016), não é apenas uma representação cômica isolada, mas a manifestação de um “regime de representação” que transforma corpos negros em signos marcados pela diferença racial.

²² Virginia Fonseca é influenciadora, apresentadora, YouTuber, empresária e dançarina. É conhecida por ser uma das personalidades mais seguidas no Instagram e TikTok do Brasil. Sua conta no Instagram conta com mais de 52 milhões de seguidores.

²³ Vinícius José Paixão de Oliveira Júnior, mais conhecido como Vinícius Júnior ou Vini Jr, é um jogador de futebol brasileiro que atua como atacante. Revelado nas categorias de base do Flamengo, ele se transferiu para o Real Madrid, da Espanha, onde é multicampeão. Também defende a seleção brasileira.

Ainda mais grave do que a circulação da imagem é o conjunto de comentários que a acompanha. Longe de expressarem desconforto ou crítica, os comentários reforçam a lógica racista, naturalizando-a como humor e sugerindo que qualquer crítica seria “maldade” ou “exagero”. A insistência em definir o conteúdo como “humor negro e não racismo” evidencia um acordo oculto que protege práticas e discursos racistas ao reclassificá-los como brincadeira, ironia ou inocência (Bento, 2022). Esse acordo não apenas desculpabiliza o racismo, mas desloca a responsabilidade para quem denuncia a violência, sugerindo que o problema está no olhar crítico - não no ato discriminatório.

Os comentários que riem da suposta “invisibilidade corporal” de Vinícius Júnior reforçam esse acordo, ao mesmo tempo em que operam conforme a lógica do racismo estrutural descrito por Silvio Almeida (2019). O fato de que diversas pessoas consideram a situação engraçada revela como o racismo incorpora-se ao cotidiano de forma naturalizada. O riso funciona como mecanismo de normalização: ao rir, o público reafirma a legitimidade histórica de estigmas raciais que transformam o corpo negro em objeto de piadas, reafirmando assim a permanência de estruturas simbólicas produzidas no período escravocrata.

Do ponto de vista imagético, a fotografia reativa um processo de desumanização que Achille Mbembe (2018) descreve como central nas sociedades pós-escravistas: a redução do corpo negro a um “não corpo”, algo presente apenas como sombra, presença residual ou objeto de manipulação simbólica. O homem negro não é sujeito da cena; ele não possui agência, voz ou visibilidade. Sua presença é reduzida a uma sombra risível, reafirmando a lógica colonial que historicamente definiu quem tem direito de aparecer, ser reconhecido ou ter sua humanidade plena reconhecida nos espaços sociais.

Sob esse ponto de vista, a “brincadeira” se torna expressão de um processo de apagamento racial: a mulher branca é visível, iluminada, central; o homem negro é escuro, marginal, complementar, risível. Este contraste reforça a dialética colonial de visibilidade e poder - a branquitude ocupando o centro iluminado e o negro sendo associado à sombra, ao excesso, ao grotesco.

Por fim, os comentários atuam como extensão interpretativa da imagem, funcionando como campo social que confirma, valida e reproduz o racismo. O riso coletivo não é neutro: ele é a chave que torna possível o ciclo de repetição dessas violências simbólicas no ambiente digital. A ausência de crítica e a defesa do conteúdo, além de servirem ao pacto da branquitude, revelam o modo como o humor racista se disfarça de naturalidade, reproduzindo - sob roupagem leve - séculos de estigmatização, desumanização e hierarquização racial.

Assim, a análise dessa imagem mostra que não se trata de mera casualidade visual ou falha técnica. Trata-se de uma cena que opera dentro de sistemas históricos de poder, ativando estereótipos racistas, reforçando pactos de proteção à branquitude e normalizando a ridicularização do corpo negro como entretenimento. A imagem, somada aos comentários, revela como o ambiente digital se torna um espaço privilegiado para a reprodução - muitas vezes disfarçada de humor - das estruturas simbólicas herdadas da escravidão e do colonialismo.



Imagem 7

Postagem publicada em perfil denominado “panico_na_net”, que tem como foco o entretenimento e humor e possuía mais de 900 mil seguidores (disponível em:

https://www.instagram.com/panico_na_net?igsh=ZXppdmZ5ZmpoazV2, acesso em: 25 de nov. de 2025)

A imagem comparativa entre Zumbi dos Palmares e Luís Gama mobiliza um conjunto de distorções históricas que, sob aparência de neutralidade informativa, buscam deslegitimar figuras centrais da resistência negra no Brasil. Tratando-se de uma peça de circulação em redes sociais, seu impacto não se limita ao conteúdo exposto, mas atinge também camadas simbólicas profundas conectadas à história colonial, ao racismo estrutural e aos regimes de representação (HALL, 2016). A construção dicotômica apresentada - Zumbi como violento e escravizador e Luís Gama como “pacifista esquecido” e abolicionista - evidencia um esforço

de reorganizar a memória coletiva segundo interesses que não são neutros, mas ideologicamente localizados.

A desfiguração da imagem histórica de Zumbi é um exemplo claro do que Silvio Almeida (2019) descreve como práticas que reorganizam narrativas do passado para justificar hierarquias do presente. Ao apresentar Zumbi como alguém que “tinha escravos” ou “executava negros”, o meme mobiliza um revisionismo histórico que tenta inverter papéis coloniais, atribuindo ao líder quilombola uma lógica escravista que sempre foi própria das elites coloniais. É um expediente político: apagar a importância de Palmares enquanto símbolo de insurgência, resistência e autonomia negra.

A oposição que se cria com Luís Gama - retratado como “libertador, intelectual, pacífico e esquecido” - é igualmente manipuladora. A afirmação de que Gama seria “esquecido” revela uma estratégia discursiva simbólica que busca fragmentar o movimento negro, dividindo suas referências, estabelecendo hierarquias morais e desmobilizando sua força coletiva (Bento, 2022). Ao tentar colocar Zumbi e Gama como opostos - o “bom negro” contra o “mau negro” - o meme reinscreve uma lógica colonial de controle social que exige do negro condutas aceitáveis para a branquitude.

É nesse ponto que a reflexão de Frantz Fanon (2008) se torna fundamental. Em *Pele negra, máscaras brancas* é apontado como o colonialismo produz subjetividades fragmentadas e tenta impor aos sujeitos negros modelos de comportamento considerados aceitáveis para o olhar branco. A imagem que o meme constrói de Luís Gama como “herói civilizado” e de Zumbi como “selvagem violento” traduz exatamente essa polarização colonial. Para Fanon, a sociedade colonial organiza o mundo em binarismos - civilizado/barbárie, racionalidade/violência, luz/escuridão - que sempre colocam o colonizador no polo positivo e o colonizado no negativo. O meme repete essa lógica ao atribuir virtudes àquele que buscou a liberdade por vias jurídicas e condenar aquele que o fez pela insurgência armada, ignorando que a violência de Palmares é inseparável da violência estrutural do próprio sistema escravista.

Fanon (2005; 2008) também destaca como a colonização opera um processo de desumanização no qual a história dos povos oprimidos é reescrita com o objetivo de negar-lhes agência e dignidade. O enquadramento de Zumbi como figura imoral e a tentativa de despolitização de sua luta enquadram-se nesse processo. O meme aponta exatamente isso: que o “herói negro” deve ser apenas aquele que busca vias moderadas, aceitáveis e consonantes com expectativas moralistas do olhar branco, pois o colonizado só pode ser reconhecido como humano quando renuncia à sua força política, à sua história de resistência e à sua capacidade de insurgência.

Portanto, o meme não apenas desinforma, ele reinterpreta eventos históricos conforme interesses de grupos que buscam enfraquecer a luta antirracista, instrumentalizando figuras históricas, distorcendo suas trajetórias, estabelecendo antagonismos inexistentes e mobilizando estratégias discursivas ocidentalizadas para atacar a legitimidade política do movimento negro. A comparação construída não é historiográfica, mas sim ideológica, servindo mais à manutenção das estruturas raciais coloniais e racistas do que à compreensão da história. No fundo, essa imagem não fala sobre Zumbi ou Luís Gama, mas sobre como a sociedade brasileira tenta, até os dias de hoje, controlar e distorcer as narrativas sobre a resistência negra.

Considerações finais

Observar e analisar as produções imagéticas e textuais possibilitaram uma reflexão acerca dos impactos profundos no campo da comunicação e nas redes sociais causados pela revolução tecnológica, que culminou em desafios dentro dos estudos da linguagem e da construção de identidades devido às profundas alterações nas interações virtuais. Como produto e consequência desse processo, destacam-se os memes de cunho humorístico que circulam nas plataformas digitais, que têm servido de repositórios ideológicos a serviço de forças hegemônicas consolidadas nas relações assimétricas de poder entre as estruturas sociais em que o racismo, sexismo e negacionismo histórico acerca da África, populações africanas e afrodiaspóricas mantém, com protagonismo, o privilégio de uns em detrimento de outrem.

A circulação desses memes, como também de algumas produções textuais, trazem à tona a necessidade de refletirmos sobre como os sistemas das plataformas digitais podem não apenas revelar uma prática tangível na sociedade, mas instrumentalizá-la e reforçá-la, pois que o livre compartilhamento dessas imagens possibilita a instauração massiva de discursos de ódio, intolerância e naturalização de uma prática violenta de representação, o que afeta na produção de verdades, implicando nos processos de subjetivação dos sujeitos, principalmente tratando-se de sujeitos que são historicamente acometidos pelo racismo e preconceito na sociedade.

As investigações aqui propostas possibilitaram concluir que é assertiva a afirmação de que há uma influência latente do racismo e colonialismo sobre as representações e discursos históricos elaborados sobre a história africana, a África, os africanos e as populações afro diaspóricas. Assim como identificamos o grande impacto nos processos de construção de um imaginário social comum discriminatório, já que os estereótipos culturais, de gênero e,

principalmente, raciais se tornaram efetivamente reais, não por serem fatos biológicos, mas porque o racismo funciona através do discurso.

É essencial, portanto, que se intensifiquem os debates sobre a importância e a urgência de desenvolver o senso crítico-reflexivo entre aqueles que participam da comunicação, com o objetivo de expor as relações assimétricas de poder tanto nas instituições quanto nas interações sociais. Sob esse prisma, é crucial abordar o racismo epistêmico no Brasil, reconhecê-lo como uma característica estrutural e combatê-lo, além de adentrar em questões oriundas a ele, como o sexismo, os negacionismos científicos e históricos, ideias defendidas comumente por visões eurocêntricas e divulgadas por meios de comunicação de massa, pelas plataformas digitais e redes sociais, que impactam a qualidade de vida de pessoas negras, muitas vezes julgadas com base em preconceitos e estereótipos.

Referências Bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O Perigo de uma História única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020, 264p.
- BAUCKHAGE, C. Insights into Internet Memes. In *Proceedings of the international AAAI conference on web and social media*, v. 5, n. 1, 2011. Disponível em: <https://ojs.aaai.org/index.php/ICWSM/article/view/14097>. Acesso em: 18 setembro 2024.
- BBC. O que é “woke” e por que termo gera batalha cultural e política nos EUA, BBC, 05 de nov. de 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy4y82w737do> Acesso em: 02 de dez. de 2025.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BRAGA, A. B. *História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas*. São Paulo: EdUFSCar, 2023.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CHAGAS, Viktor. (Org.). *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. Salvador: EDUFBA, 2020.
- CHAGAS, Viktor. Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura. *BIB - Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais*, (95), 2021.
- COLINS, P. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consistência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FILHO, Wilson Trajano; DIAZ, Juliana Braz. O colonialismo em África e seus legados: classificação e poder no ordenamento da vida social, In *Anuário Antropológico* [Online], v.40 n. 2, 2015, Disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/1371>; DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.1371>, acesso em 08 dezembro 2025.
- GROSGOUEL, Ramón. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias descoloniais. In *Ciência e Cultura*, São Paulo: v. 59, n. 2, 2007, p. 32-35.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Introdução à história da Filosofia. In: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Hegel*. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. 316-392.
- HORTA, Natália Botelho. *O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica*. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- IBGE; MCom (2022). *90% dos lares brasileiros já tem acesso à internet no Brasil, aponta pesquisa*. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa>. Acesso em: 11 set. 2024.
- JARDIM, M.; DI PIRES, L. O Instagram como dispositivo de construção de mercado nas redes sociais: a intimidade distinta como variável central junto aos influenciadores de fitness. In *Revista Brasileira De Sociologia - RBS*, 10(24), 144–175, 2022.
- KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LEMOS, André; LÉVY, Pierre. Da opinião pública à inteligência coletiva. In *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 85-100.
- LIMA-NETO, V. de. *Meme é gênero? Questionamentos sobre o estatuto genérico do meme*. *Trab. linguist. apl.*, Campinas, v. 59, n. 3, p. 2246-2277, set. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132020000302246&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 outubro 2024.
- LOPES, Gustavo Acioly. Combates na história atlântica: a historiografia de Joseph E. Inikori. In *História da historiografia*. Ouro Preto, n. 12, agosto 2013, 176-196.
- M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e civilizações. Tomo I (Até o século XVIII)*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.
- MBEMBE, Achille. *As Formas Africanas de Auto-Inscrição*. *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 23, nº 1, 2001, pp. 171-209.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

- OLIVA, Anderson Ribeiro. *Reflexos da África. Ideias e representações sobre os africanos no imaginário ocidental, estudos de caso no Brasil e em Portugal*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010.
- OLIVEIRA, T. A. D. de. O conceito consciência histórica e a aprendizagem histórica: compreensão e centralidade da práxis para a didática da História. In *Revista História Hoje*, 14(30), 2025. <https://doi.org/10.20949/rhj.v14i30.1218>
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PESSI, Bruno Stelmach. O uso de Internet no aprendizado de História: possibilidades e dificuldades. In *Revista do Lhiste*, Porto Alegre, n.3, vol.2, jul/dez. 2015.
- PORTO, D. Silvio Almeida: veja a cronologia da crise que derrubou ministro. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/silvio-almeida-veja-a-cronologia-da-crise-que-derrubou-ministro/>. Acesso em: 30 out. 2024.
- SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. Inflow vs. Outflow: Twitter e microdesign de ideias. In *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Summus, 2010. p. 63-88.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*. São Paulo, Enigma, 2012
- SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In *Educação & Realidade*. vol. 20, n. 2, jul./dez., 1995.
- VAN DIJCK, J. *La cultura de la conectividade: una historia crítica de las redes sociales*. 1 ed. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 2016.
- ZANELLO, Valeska; RICHWIN, Iara Flor; BAÉRE, Felipe de. Memes machistas em tempos de pandemia. In: WARD, Rodolfo (org.). *Arte e invocação em tempos de pandemia*. Brasília: Universidade de Brasília, 2022. (Cadernos do CEAM, v. 3, n. 38). P. 116-133.